

Jornada única não reduz evasão

Um ano e três meses depois de criada a Jornada Única nas escolas do Estado, a Secretaria da Educação acaba de concluir um levantamento que mostra que o modelo de ensino não conseguiu conter a evasão escolar. A jornada única, que aumentou em duas horas a permanência da criança do ciclo básico na escola e lhe proporciona três refeições diárias, teve, porém, um resultado positivo: reduziu em 4% o índice de retenção nos primeiros anos escolares.

A primeira avaliação profunda da Jornada Única está sendo feita este mês, depois que foi concluído um levantamento sobre a movimentação escolar de 86 para cá. A pesquisa, realizada pelo Sistema de Informações Educacionais da Secretaria de Educação, indica crescimento de 2% na evasão escolar. A estatística traduz "uma dura realidade", segundo avaliação da pedagoga Marília Duran, assessora da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (Cenp) de São Paulo.

Em 86, 38.006 crianças abandonaram a escola na primeira série, o que representava 6,4% das crianças matriculadas. Em 87, os números sobre evasão permaneceram praticamente estáveis, com 39.803 alunos deixando de frequentar a escola em seu período de alfabetização. Em 88, quando a Jornada Única prometia a solução para o problema, o que aconteceu foi exatamente o contrário, para o desespero de pedagogos como Marília, envolvida com a proposta desde seu



HUGO CARNEVALLI

início. No ano passado, 58.720 crianças cruzaram o portão de saída da escola, talvez para nunca mais voltar. A evasão saltou de 6,6% em 87 para 9,6% em 88. "Estamos fazendo um novo levantamento, para saber exatamente em que região ocor-

reu o crescimento da evasão", anuncia Marília.

Ela acredita que o problema é resultado de fracassos isolados da rede pública: "O ciclo básico com a jornada única exige uma reavaliação do ato de ensinar", diz ela. Para Marília,

que considera o termo evasão um "eufemismo" da expulsão escolar, os professores podem não ter entendido corretamente a proposta e talvez estejam seguindo numa outra direção. "Ficar seis horas na escola para fazer pauzinhos e bolinhas não é a proposta no ciclo básico", afirma.

Outra possível causa levantada por Marília é a superlotação das classes. "Sabemos que a jornada única foi implantada em muitos lugares em condições desfavoráveis. Pode estar aí o problema", supõe a pedagoga. O professor Moacir Gadotti, secretário municipal interino da Educação — e braço direito do pedagogo Paulo Freire, titular da pasta, que está viajando — defende a jornada adotada pelo Estado. "Conheço a proposta da Cenp e jamais poderia responsabilizá-la pelo crescimento da evasão escolar", afirma.

Para ele, os índices de evasão têm uma "relação direta" com as condições sócio-econômicas da população. "Quando a população fica mais pobre, é evidente que mais crianças saem da escola para trabalhar, cuidar de casa ou pedir esmola". Mas nem tudo é dramático na avaliação da jornada única, uma realidade para 85% das crianças do ciclo básico. Na passagem para a 3ª série, o novo modelo colhe seus melhores resultados. Em 87, 282.027 alunos ficaram retidos no ciclo básico. Em 88, a rede teve 50.305 alunos a mais que o ano anterior na mesma série e reprovou 12.239 crianças a menos.